

COMO GÊNEROS MUDAM NO *FACEBOOK*: CIRCULAÇÃO DE UMA MENSAGEM DE PROTESTO

Lafayette Batista MELO
(IFPB – UNICAMP/IEL)
lafagoo@gmail.com

RESUMO: Este trabalho analisa como circula uma mensagem de protesto no Facebook. Utilizo a ideia de contexto interacional e faço relações entre texto, discurso e interface, como elementos que permitem um "dito" dos enunciados em meio a modificações no gênero. Analiso mensagens de protesto que circularam na rede social Facebook contra o deputado Marco Feliciano. Identifiquei modos próprios de circulação do gênero na rede e especificidades históricas que justificam como os discursos são disseminados. Foram identificadas cinco situações: dos representantes das minorias, dos representantes de outros grupos, dos indiferentes, em formato de humor e com variações da expressão "não me representa".

PALAVRAS-CHAVE: contexto interacional; gêneros; redes sociais; interface; Facebook.

ABSTRACT: This paper analyzes how circulates a message of protest on Facebook. I use the idea of interactional context and make links between text, discourse and interface, as elements that allow to say statements in the genre and its modifications. I analyzed protest messages that circulated on social network Facebook against the parliamentarian Marco Feliciano. I identified singular modes of circulation of the genre on the net and historical specificities which justify how discourses are disseminated. Five situations were identified: the representatives of minorities, representatives of other groups, indifferent people, in a humor form and with variations of the phrase "does not represent me".

KEYWORDS: interactional context; genre; social networks; interface; Facebook.

0. Introdução

É inevitável observar que cada vez mais a linguagem está circunscrita a ambientes ricos em tecnologia. As pessoas não apenas utilizam as redes sociais para saber da vida dos outros e exporem suas vidas pessoais ao mundo, mas também para trabalhar, estudar, protestar, fazer propagandas políticas etc. Além disso, as empresas

abrem seus perfis nas redes, marcas e produtos são divulgados em páginas e as instituições começam a planejar a melhor forma de serem inseridas na internet, muitas vezes privilegiando o contato do público no Twitter e no Facebook em detrimento da criação de sites isolados. As organizações religiosas estão também aderindo à rede, seja através da divulgação dos seus princípios em perfis oficiais da igreja ou por meio de seus representantes que atualizam agendas e marcam posicionamento em relação aos acontecimentos. Também os políticos correm para o mundo digital e muitas das informações relacionadas a eles, divulgadas na imprensa, não foram simplesmente obtidas por usuários secretamente, mas originadas de seus próprios perfis no Twitter ou no Facebook, como decretos a serem assinados, respostas à imprensa e a outros políticos, projetos desenvolvidos e alianças a serem feitas. Se não bastasse isso, são constituídos grupos para defesa de certas opiniões que estendem polêmicas já existentes, mas que ganham saliência em embates como os que ocorrem entre ateus e religiosos, tucanos e petistas, católicos e evangélicos, privatistas e defensores do setor público, flamenguistas e vascaínos etc. Em meio a esse turbilhão de informações, surgem os movimentos sociais e mensagens de protesto, que circulam com altíssima intensidade. Mesmo que alguém diga que fará manifestações na rua e "vai sair do Facebook", diz isso através do Facebook, fotografa o que vê na rua para compartilhar com os amigos e volta ao seu perfil para comentar os eventos na *timeline* e se atualizar.

Nesta pesquisa, vou me deter em um acontecimento específico que teve grande repercussão nas redes e foi objeto de ampla discussão na mídia em geral. O acontecimento está relacionado com a posse do deputado e pastor Marco Feliciano na Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara Federal. Tal fato gerou revolta de grande parte da população, mesmo antes da sua posse, e tomou vulto nas redes sociais.

Para este trabalho, será analisada a mensagem de protesto "Marco Feliciano não me representa" e os seus desdobramentos, especialmente no Facebook. É importante observar que o fato repercutiu bastante porque o deputado emitiu várias mensagens nas redes sociais que foram assumidas exatamente como sendo preconceituosas contra as minorias e desrespeitosa aos direitos humanos. Além disso, vários vídeos apareceram no Youtube, nos quais o deputado pastor prega e pede díizimos, falando contra diversos grupos que não aceitariam adequadamente as mensagens de Deus e da igreja. O que importa nesta análise é compreender como, após a repercussão do fato de o deputado assumir esta comissão, uma expressão como "Marco Feliciano não me representa" teve os seus desdobramentos e se transformou,

sendo considerada inicialmente inserida em um gênero de mensagem de protesto. Ou seja, não se trata de apenas analisar o texto, mas o evento comunicativo, suas mudanças, evolução e possíveis peculiaridades advindas do meio tecnológico. Inclui-se nesta investigação tratar de eventuais particularidades – sobre como o gênero mensagem de protesto não apenas tem se configurado historicamente, passando pelas revoltas na rua até chegar à internet –, mas também de modificações no próprio percurso já tão diversificado no meio digital.

1. Um pouco sobre contexto interacional, gêneros e enunciados em redes sociais

Os parâmetros para os quais esta pesquisa se volta foram inicialmente pensados na integração com estudos de interação humano-computador conforme Preece, Rogers e Sharp (2011). Porém, tais estudos têm uma vertente muito cognitivista, tratando sempre de modelos mentais, incluindo a linguagem, como estruturas compartimentalizadas ou formas de processamento da informação. Mesmo nos estudos que consideram as formas de comunicação e colaboração (na última versão da Preece, Rogers e Sharp (2011) *on-line* há um capítulo tratando só do Facebook) os exemplos de análise são tomados no máximo como derivados da análise da conversação. Não há qualquer consideração, na bibliografia da área, do funcionamento social da linguagem e muito menos de sua constituição histórica ou discursiva.

Por outro lado, nos estudos linguísticos, há alguma preocupação com o suporte no qual os gêneros tomam forma. Consideraremos gêneros como eventos linguísticos relativamente estabilizados através dos quais papéis sociais são desempenhados, como trata Marcuschi (2006) ou, ainda mais propriamente, fatores de economia e garantia de comunicação devido à familiaridade que têm os sujeitos, conforme Maingueneau (2004). Para os dois autores, seria impossível se comunicar verbalmente sem um gênero, pois não seria possível estabelecer algum tipo de interação verbal nem apreender toda uma variedade de gêneros que surgem, o que implica que esses dispositivos de comunicação sempre fazem referência a um outro anterior. Maingueneau (2004) diz que os gêneros são dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes e são reconhecidos socialmente. Além disso, este autor diz que o texto em si não é conteúdo a ser transmitido pelo veículo, pois é inseparável do seu modo de existência material e há também o *midium* (o conjunto das mídias de transmissão integradas ao modo de dizer). Marcuschi (2008) complementa a ideia de gênero com a noção de suporte, que seria como um “portador de texto”, um *locus*

físico ou virtual que serve de base de fixação do gênero materializado como texto. Há de se considerar, contudo, que o viés de Marcuschi (2008) está mais voltado para a linguística de texto enquanto que o viés de Maingueneau (2004) é inserido nos estudos discursivos.

Considero que o suporte tem papel importantíssimo nas atividades sociais mediadas pelo computador, representado pelo que denominamos interface. É através da interface (não é uma mera visualização da tela), que as atividades são desempenhadas e intermediadas, de acordo com Preece, Rogers e Sharp (2011). Há algumas diferenças nas interfaces de redes sociais em relação a suportes tradicionais, pois cartas e mesmo sites e e-mails chegam aos sujeitos usuários do modo que foram produzidos. Porém, há uma *timeline* para cada pessoa em uma rede como o Facebook, que demonstra várias ações sobre as postagens produzidas, inclusive de pessoas que não foram responsáveis pela produção original.

Em termos históricos, podemos considerar que o surgimento de uma nova tecnologia pode propiciar o aparecimento de um novo gênero que, por sua vez, tem base em eventos anteriores. A carta pode ser considerada, tendo como base uma derivação da conversa e, o e-mail, como sendo baseado na carta. Obviamente, há os objetivos que são deflagrados nos gêneros, mas que também vão adquirindo novas nuances com o passar do tempo. Em Bezerra (2011), por exemplo, são analisados os propósitos do que seriam os gêneros introdutórios em livros (prefácios, apresentações, sumários, introduções etc.) e como eles passam do fato de serem algo já integrado ao livro, constituindo leituras introdutórias, para elementos de demonstração, propaganda e vendas quando são disponibilizados à parte da obra em livrarias virtuais. Ao considerarmos as redes que surgem, podemos notar algumas peculiaridades. Sua finalidade inicial seria como a de uma conversa para o estabelecimento de contatos sociais, com enunciadores prontos a postarem informações e as comentarem. Além disso, esses contatos são feitos essencialmente pelo computador e com conexão à internet. Se bem que há equipamentos que hoje possibilitam conexão à internet de celulares (*smartphones*) a aparelhos de televisão (*smart tvs*). No caso do Facebook, os momentos e duração de contato na rede são indefinidos e a temporalidade de interação social através do gênero é bem diversificada.

O suporte não é apenas um local de possibilidades de interação, mas tem determinações históricas. Por isso, vejo que, dentro de certos discursos, há possibilidades e restrições em qualquer momento conforme a tecnologia. Através dos trabalhos de Rodney Jones (2002,

2005), procurei estabelecer conexões entre texto, interface e discurso, Melo (2011a, 2011b, 2012). O conceito de contexto interacional proposto por Rodney Jones engloba três propriedades:

1) polifocalidade – de tarefas às quais os usuários podem se dedicar mais ou menos ao mesmo tempo no computador. Por exemplo, abrindo e-mails, postando em redes sociais e digitando um texto no seu editor enquanto fazem cálculos na planilha orçamentária etc. Também em um mesmo ambiente, alguém pode alternar tarefas como conversar no bate-papo, enviar mensagens e ver informações em um perfil do Facebook. Essa propriedade não é algo ausente fora da internet, mas implica em outros procedimentos e restrições. Se alguém for abordado na rua por um conhecido que informa da morte de alguém ou de uma festa, a tendência é direcionar a atenção para ele e não sentar em uma cadeira, fumar um cigarro e abrir o seu notebook enquanto ouve o ocorrido. Na rede, esse tipo de restrição não ocorre porque as ações não são compartilhadas no ambiente físico que cada um está, mas apenas através da interface, evitando constrangimentos.

2) acessibilidade interacional – é uma forma de exposição ao outro, o que não tem exatamente a ver com falta de privacidade. Na verdade, quando o sujeito usuário entra na rede, as indicações de que ele está e como está podem ser configuradas de várias formas com sinais de que está ausente no momento, ocupado ou *off-line*. De todo modo, estar em uma rede significa que se pode ser encontrado em qualquer outro momento além do atual. É por isso que mensagens e e-mails são enviados o tempo todo, causando frustração nas demoras das respostas, mas também postagens no Facebook são emitidas, independentemente de outras pessoas estarem *on-line* ou não. Em locais fora da internet, há limites de desconhecimento de onde o outro está para ser deflagrada alguma interação, ou seja, há também modos de se expor ao outro, mas não uma expectativa de encontro e interação em qualquer momento.

3) configuração contextual – é a maneira como as pessoas percebem, usam e gerenciam as configurações dos seus ambientes quando interagem publicamente. Isso não tem a ver com a configuração de um ambiente em termos de simplesmente deixar funcionalidades habilitadas ou não. Na verdade, isso se refere às variadas maneiras de configurar e saber como o ambiente do outro está configurado e pode ser usado. No exemplo anterior da acessibilidade interacional, isso envolve, por exemplo, ficar invisível para alguém (na interface do outro aparecerá como *off-line*) que sabe que você pode estar *on-line* e usa outro programa para se comunicar. No Facebook, há uma infinidade de modos

de se conhecer, perceber, gerenciar e saber como o outro está usando a interface, através de habilitações ou ocultações de funções (por exemplo, deixando as postagens para qualquer um da rede ou apenas para os amigos e amigos dos amigos), disponibilizando os links de Curtir, Compartilhar, Cutucar etc.

Assim, nota-se que há determinações históricas que condicionam o suporte ou a interface dos gêneros no mundo digital com base nas propriedades de contexto interacional, entendendo que elas não são exclusivas, mas funcionam conforme as possibilidades tecnológicas atuais, proporcionando certas restrições ou alcances. Em outras palavras, há modos de realização dessas propriedades bem diferenciados do ambiente meramente físico e podem condicionar tudo que está no discurso, incluindo os enunciados.

Como este trabalho está direcionado às transformações de gênero, há necessidade de também envolver o estudo dos enunciados. Em uma mensagem de protesto, como vamos tratar na próxima seção, o enunciado atua em conjunto com vários níveis de determinação. Pêcheux (2002) inaugurou na análise do discurso um modo de ver como o enunciado faz remissões ao seu exterior. Ao tratar da expressão "Ganhamos" (*On a gagné* em francês) em virtude da eleição de François Meditterand, o autor a remete ao mundo dos esportes, fazendo uma interpretação político-esportiva. Ele afirma que suas interpretações (relacionando "ganhar" a jogos e ao acompanhamento de práticas comuns como festas, músicas e passeatas) embora evoquem os esportes, não funcionam como proposições estabilizadas. O enunciado "Ganhamos" se faria em torno também de não se interrogar sobre a referência do sujeito do verbo "ganhar" nem sobre seus complementos elididos (o que foi ganho, como, quem e porque ganhou). Na análise adiante, o enunciado "Marco Feliciano não me representa" evoca um sujeito, um objeto e é expresso em meio a variadas formas de representação que incluem links, fotos, desenhos e modos de configuração contextual do Facebook. O suporte para o gênero, no qual o texto é veiculado, é determinante não para o enunciador apenas passar seu recado, mas para o analista compreender a condição atual e as possibilidades estratégicas de formulação dos discursos.

Ficarei concentrado em observar como em cada momento há possibilidades de desenvolvimento de um contexto interacional, que até permita um dito e silencie outros, no jogo do momento com a história, do texto com o discurso e das condições de produção de hoje ligadas a usos da interface com o desenvolvimento tecnológico de suportes ou ambientes. O que é textualizado, discursivizado e dito surge dessas

relações, como aponto na figura 1. Enunciados em redes sociais, dentro do discurso político, como "Fora Sarney!", fazem remissão a vários outros fatos de enunciados na história. A origem não é, contudo, a preocupação deste trabalho, mas as mudanças.

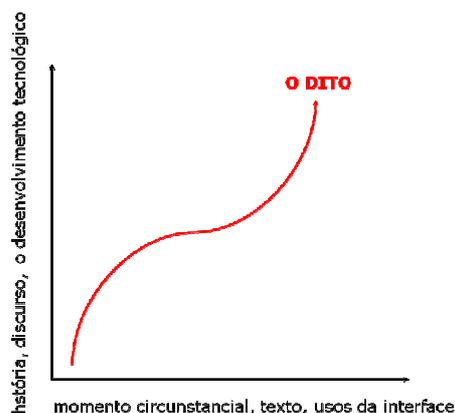


Figura 1 – o dito, a interface e o desenvolvimento tecnológico

2. O caso de "Marco Feliciano não me representa"

A coleta dos dados considerou também as transformações desde março de 2013 até agora, outubro de 2013. Foram feitas várias pesquisas no Google e foram guardados seus resultados, tanto utilizando palavras da mensagem, quanto esta mesma mensagem associada a imagens (com o Google Images). Além disso, foi utilizada a ferramenta Tweetdeck e foram registrados momentos a cada mês, culminando no mês de outubro com a frase de protesto e algumas de suas variações (por exemplo, colocando-se apenas "não me representa" no Tweetdeck, pôde-se verificar mudanças, mas com remissões ao texto original). Além disso, foram feitas pesquisas por meio das *hashtags* recentes do Facebook, que não existiam ainda na época em que o fato foi deflagrado, mas que puderam ser encontradas nos últimos meses (como em #nãomerepresenta). A partir da ferramenta do Google Trends (<https://www.google.com/trends>), pôde-se observar a evolução de como as próprias pessoas procuram por termos semelhantes aos desta pesquisa, bem como alguns órgãos de imprensa fazem alusão ao fato. Assim, pôde-se constatar que alusões e interesses dos usuários, pelos enunciados e suas variações, tiveram culminância obviamente em março, mas que não acabaram, simplesmente diminuíram com alguns picos, como pode ser visto na figura 2. Puderam ser observadas cinco situações, transformadas no tempo, em uma coleta de mais de 600 exemplos, seja diretamente em observações no Facebook ou

pesquisando *hashtags*, bem como com as estratégias anteriormente mencionadas.



Figura 2 - evolução de interesses por termos no Google

A primeira situação eclodida ocorreu diretamente em identificação com minorias, não só as mencionadas pelo deputado em suas mensagens em redes sociais, mas as que são consideradas socialmente desta forma ou têm tratamento específico na Comissão. Desta forma, a maneira como as mensagens estavam articuladas era, em geral, precedida por supostos representantes de judeus, gays, negros, ateus, pessoas que gostariam de estabelecer união afetiva ou adotar crianças (independentemente de sua condição sexual) etc. É importante salientar que mensagens deste tipo, como exemplificadas na figura 3, também tiveram circulação intensa proporcionada pelo compartilhamento do Facebook. Em outras palavras, as mensagens de protesto foram disseminadas muito mais por pessoas que não tinham uma identificação clara com minorias, mas que mesmo assim resolveram compartilhar os textos e as fotos na rede, especialmente em março e abril devido à exposição e à configuração contextual.



Figura 3 - protestos das minorias

Em uma segunda situação, já em meados de abril, pôde-se notar a identificação direta de grupos que se associaram ao discurso, mas que não eram necessariamente relacionados com as minorias. Pelo contrário, muitas pessoas assumiram o protesto, mas enfatizando que não pertenciam às minorias e até estariam ligadas a grupos do pastor, como os evangélicos. Pode-se notar, então, de acordo com a figura 4, referência interdiscursiva "à família" – o que remete à justificativa de grupos mais conservadores, incluindo o próprio Feliciano, sobre "preservar a família" – a uma cristã e, até mais diretamente ao pastor, através de uma senhora evangélica. É peculiar nesta imagem, na figura de uma pessoa idosa em um protesto com o cartaz, a explicitação de que ela é uma mulher (referência ao modo como o pastor se referiu ao sexo feminino em suas declarações), o fato de ser humana, e, mais diretamente relacionada ao deputado, ser também evangélica. Todas essas formas de se assumir estão em prol do discurso de protesto e, além de serem fortemente disseminadas no Facebook, podem ser feitas de vários *modos operandi*: a pessoa que compartilhou o protesto da senhora não estava nas ruas nem precisamente em frente ao seu computador, como sugere o ícone do celular, indicando que a imagem foi enviada por um dispositivo móvel, visualizada e curtida. Para as outras imagens, que também foram veiculadas no Facebook, há especificidades de contexto interacional também, mas deixarei apenas essa como exemplo.



Figura 4 - protestos das minorias

A terceira situação, já mais propagada após meados de abril, poderia ser caracterizada como de mensagens emitidas por pessoas que não são representantes das minorias nem têm uma suposta aproximação com o pastor, ou seja, aqueles que se mostrariam indiferentes a alguma identificação, mas que, mesmo assim, estariam inscritos aos protestos. Observe-se na figura 5 que, na primeira linha, há uma referência a si (um jovem, uma senhora com o nome "Feliciano" e um designer) o que mostra uma identidade, mas não uma identificação de minoria ou proximidade com o pastor. Na segunda

linha, já há uma explicitação de que não há necessidade de identificação, mas, mesmo assim, as pessoas estão vinculadas a uma mensagem comum.



Figura 5 - protestos de grupos sem identificação

Na figura 6, são exemplificados momentos nos quais as mensagens foram produzidas com efeito de humor ou ironia. São circuladas mensagens com personagens, montagens, memes e jogos de palavras irônicos. Poderia se questionar se o propósito de protestar estaria preservado para o gênero. Contudo, mesmo com os efeitos de humor, não há como descartar que há um enunciado que se posiciona contra o pastor. Há também circulação de figuras tidas com representações negativas, ou seja, mostrar, por exemplo, Hitler, ou qualquer outro com os dizeres de "Marco Feliciano me representa" é uma forma de dizer mais explícita que há um outro no discurso, alguém de uma formação discursiva oposta, e de forma negativa ou irônica. O assujeitamento em um discurso teria motivações na própria formação discursiva, conforme Possenti (2009), mas, acredito, as transformações internas do gênero ocorrem devido às remissões interdiscursivas.



Figura 6 - situação de humor e ironia

Atualmente, pode-se notar uma situação na qual o enunciado está se distanciando do protesto originário, mas não se descaracterizando como um protesto. Há vários momentos que podem ser observados – especialmente através do Tweetdeck e por meio de pesquisas com *hashtags* no Facebook (colocando-se, por exemplo, #nãomerepresenta) – nos quais há uma remissão ao discurso político de protesto, mas dentro de um escopo diferenciado. Por exemplo, foram notadas expressões como "Estou saindo cedo do trabalho e o meu chefe não me representa", "Este governo não me representa", "Sou aluno de letras e Marcos Bagno não me representa", "O Instituto Royal não me representa", "Gente famosa não me representa", "Bolsonaro não me representa", "A globo não me representa" etc. Enfim, chegou um momento no qual os ditos protestos ficaram circunscritos a grupos específicos, sem referência ao pastor, mas com protestos a outras pessoas e situações, às vezes com tom de humor, mas sempre colocando uma posição de alguém que tem algo contra outra pessoa, não concorda ou repreende ações e comportamentos. Isso tudo, mais ou menos disseminado, através da acessibilidade interacional e do modo de configuração contextual dos links no contexto interacional.

3. Algumas considerações na pesquisa de gêneros, contexto interacional e perspectivas para a análise dos discursos em redes sociais

Pudemos perceber que tomar o gênero de protesto materializado em um evento linguístico, no qual a mensagem "Marco Feliciano não me representa" é exposta, faz com que vejamos um enunciado circulando em vários formatos e representações, modos de identificação e sempre com possibilidades de novas mudanças. Tomando o evento linguístico em termos de suas circunstâncias, podemos notar que as pessoas fazem

uso de combinações (links, textos, textos com fotos, usos da função Curtir – que também é exposta aos amigos, de Compartilhar, de verificação de quem visualizou e até a partir de qualquer outro dispositivo – o que também pode ser verificado por indicações de textos e ícones) não apenas para participarem de um protesto, mas também para mostrar que estão dentro de grupos que protestam, já que a mensagem originária pode ser simplesmente repassada e com tons diferentes. Mensagens de protesto circulam nas ruas, são expostas em *outdoors* publicamente e até podem ser veiculadas via rádio ou televisão, mas o caráter de circulação nas redes tem algumas peculiaridades:

- há uma configuração contextual típica marcada por elementos da interface, suas funcionalidades e notificações. O Facebook também tem sua especificidade, pois o fato de ter a função “Curtir” e não a “Não curti”, como há em outros ambientes a exemplo do Youtube, restringe, por exemplo, recriminar a circulação até um certo ponto. Os usuários podem recriminar os protestos textualmente, mas não têm uma funcionalidade imediata de não curtir, tão eficiente quanto a de curtir para rebater o enunciado.
- a acessibilidade interacional própria do Facebook tem uma forma de mostrar a presença através de textos, fotos, avisos de que se está conectado, mas também é um “mostrar-se” direcionado mais diretamente para si. Como diz Jones (2005), há uma comunicação em rede que parece ter outro sentido além de comunicar tradicionalmente. Quando você faz protestos na rua ou através da mídia comum, há um direcionamento ao comportamento do outro, mas na rede o direcionamento é feito primeiro e mais continuamente para si. É a própria pessoa que mais vê sua própria mensagem de protesto e que recebe notificações contínuas sobre como a postagem está sendo recebida na rede. Discursivamente, podemos entender que as condições de produção são mobilizadas pelo contexto tecnológico dinamicamente. Enquanto outros estiverem mobilizando a mensagem de alguma forma, o sujeito fica na expectativa de apreciá-la e também de remobilizá-la. Isso talvez explique porque, nos dias de hoje, as pessoas tanto se expõem e passam seu tempo na rede, procurando não necessariamente interagir, mas verificar a todo tempo o efeito de suas postagens para si próprias. Obviamente, isso não é feito conscientemente, de maneira programada, e a circunscrição a um discurso político dentro de um gênero de uma mensagem de protesto é o que delimita aquilo que será produzido e circulado.
- a questão da polifocalidade é outro fator peculiar. Diz-se que temos uma geração multitarefa, mas não é toda atividade que pode ser

feita quase simultaneamente a outra e publicamente. Panfletos de mobilizações e protestos são distribuídos nas ruas para que as pessoas sejam convencidas e também participem dos movimentos. Porém, ninguém que é abordado na rua começa a escrever um texto, mandar e-mails ou realizar outras tarefas enquanto discute a mobilização. Isso até seria possível, mas não é aceitável. No computador, qualquer um pode abrir seu Facebook e fazer ações intermediárias, enquanto lê e envia mensagens de todo tipo. Novamente, não parece ser uma questão de poder interagir enquanto se trabalha, mas de a pessoa poder viver seu mundo particular enquanto ao mesmo tempo se inscreve em outras ações ou discursos. Essa propriedade, embora tenha sido observável como um fator histórico, não teve como ser verificada nos dados obtidos, pois cada um é que define seu momento de ação e se vai ou não fazer atividades em paralelo. Para maiores resultados sobre essa propriedade, talvez fosse necessária a filmagem *in loco* de vários sujeitos. Para estudos eminentemente discursivos talvez não haja necessidade de se fazer referência à propriedade em trabalhos futuros, já que poderia redundar mais em dificuldade empírica.

Considerando a circulação da mensagem de protesto, vale a pena assinalar que, por conta do modo de configuração contextual, acessibilidade interacional e polifocalidade atuando em conjunto, temos um formato de condições de produção e circulação que até remete a outros no passado, mas tem um contexto interacional que é muito marcado tecnologicamente. Esse contexto não difere só das ruas e das mídias tradicionais, mas também de outros recursos tecnológicos, como o e-mail, cujas funcionalidades teriam outras formas de restrição e determinação.

Assim, há certamente um “dito” que tem restrições na situação de uso, mas também em virtude das condições históricas de produção e circulação do discurso nas redes. É importante observar que não houve tanta circulação na rede de textos análogos, tão impregnados, mas pertencentes a um discurso oponente (como “Marco Feliciano me representa” e variações). Isso pode indicar que há sempre um discurso anterior que engendra e é mobilizado pelo texto e pelo uso da interface, mas que não foi só um texto curto que foi fortemente cristalizado. Houve propagação e permanência na rede do texto e das marcações na interface – mas dentro de um discurso político, através de um gênero de mensagem de protesto, provavelmente nas delimitações de uma certa formação discursiva e com variados tipos e planos de cenografia, conforme Maingueneau (2008).

A questão de como tais discursos podem ser analisados, em suas cenas de enunciação, por exemplo, merece maiores considerações na análise do discurso. Maingueneau (2010) mostrou que blogs de relacionamento possibilitam que cada pessoa construa imagens de si, muitas vezes com acentuada atuação cenográfica em detrimento da cena genérica. Porém, nesta pesquisa, podemos observar que o desenvolvimento da cenografia em cada uma das situações demonstradas é bastante acentuado, mas não necessariamente traz detrimento do gênero. Constatações como essa do autor podem ocorrer pelo fato de o analista do discurso ter pouco domínio das condições de produção, embora importe mais as condições históricas para este analista. Foi avaliando a disposição do contexto interacional, hoje em dia, que procurei me aprofundar mais nesse sentido. É certo que partir de uma pesquisa para analisar um blog de relacionamentos e a circulação de mensagens de protesto na rede constitui dois pontos de análise diferenciados, mas cada ambiente na internet dispõe formas de circular os discursos bem próprias. Mencionei que este trabalho teria outros efeitos de sentido se fosse analisado no contexto, por exemplo, do uso de e-mails. Portanto, a posição do próprio analista em relação não só às velhas perguntas de pesquisa, mas também em relação ao contexto histórico e tecnológico de sua análise parece ser fundamental. O analista não tem domínio sobre as condições de produção em alguns momentos, mas também dispõe de ferramentas novas para fugir desta situação e aprofundar sua análise bem como precisa definir melhor, e de acordo com o ambiente tecnológico do qual dispõe, qual é a sua unidade de análise nas pesquisas.

Em relação às ferramentas que compensem de algum modo a falta de domínio do pesquisador, podemos vê-las como de uso estratégico. Além de analisar enunciados e suas relações interdiscursivas, pode-se identificar como eles estão relacionados com outros por meio de ferramentas de busca e pesquisas específicas em sites, blogs e redes sociais com atributos por data, associação com imagens, locais, idiomas e categorias como notícias etc. Assim, o analista compensa o fato de não vislumbrar as condições de produção como fazia anteriormente com recursos da própria Web. Há não só ferramentas gerais de busca como o Google, mas recursos próprios para o Twitter e o Facebook. Pode-se também tentar compreender os modos de circulação, coletando-se informações de comentários dos usuários e como um enunciado é relativamente estabilizado ou não com o tempo.

Descrevi rapidamente sobre o uso de algumas dessas ferramentas no início da seção anterior. As ferramentas e estratégias utilizadas foram direcionadas para este trabalho, mas, conforme as perguntas da

pesquisa, muito pode ser feito e de diferenciadas formas. Estratégias e ferramentas específicas podem ser usadas se houver desejo de investigar não só enunciados, mas sites e blogs de notícias, páginas e perfis de redes sociais, manchetes de jornal, títulos de artigos, propagandas, declarações registradas nas redes ou no Youtube etc.

Ainda sobre a unidade de análise, é importante que se tenha noção de que as novas tecnologias também condicionam formas diferentes de o estudioso trabalhar. Um pesquisador pode definir que a sua unidade de análise é o texto, um argumento, sequências textuais ou o espaço de trocas interdiscursivas. Maingueneau (2008) trata dessas unidades, classificando-as em tópicos territoriais (já existentes em fronteiras de uso estabelecidas como os gêneros do discurso), tópicos transversas (que atravessam múltiplos gêneros como os registros linguísticos, comunicacionais ou funcionais) e as unidade não tópicas (construídas pelo pesquisador e agrupando enunciados profundamente inscritos na história). Neste último caso, estariam as formações discursivas e os percursos. Haveria uma facilitação para trabalhar com os percursos, hoje em dia, devido à existência de programas ou ferramentas que permitem tratar *corpora* vastos. Esta unidade estaria estabelecida em várias ordens (lexicais, proposicionais, fragmentos do texto etc.) sem necessidade de constituir uma totalidade coerente. Partiu, neste trabalho, da ideia de que a mensagem de protesto é um gênero. Desta forma, pude relacionar os posicionamentos e como eles são estabelecidos e restabelecidos, vislumbrando o objeto de pesquisa como um dispositivo de comunicação inserido historicamente, sob condições sociais e tecnológicas. Este trabalho partiu de um gênero definido e viu as infintas possibilidades de sua transformação relacionadas a restrições e alcances proporcionados pela interface – incluindo as mudanças textuais e associações com imagens – mas identificando também posicionamentos dos sujeitos na circulação do discurso em cinco diferentes situações. Em outras palavras, se a pesquisa não tivesse especificado a unidade de gêneros, correria o risco de fazer meramente uma análise linguística da expressão “Marco Feliciano não me representa” e não discursiva, além de não identificar acúmulos de funções do gênero na história. É verdade que, ao tratar da situação em que o protesto é visto como expressão de humor, pode ser que haja reenquadramento dos seus propósitos. Mas também pode ser considerado que há a veiculação de mensagens de protesto de forma bem humorada ou irônica. Pretendo levar essa questão adiante em trabalhos futuros, a exemplo do que fez Mussalim (2008), que tratou nas unidades não tópicas as formações discursivas, mas como categorias para análise de expressões artísticas gerais da modernidade. No meu caso, pretendo estender o trabalho em relação às condições

tecnológicas às quais os discursos são submetidos ou mesmo em que são por eles subvertidas, defendendo também um formato de avaliação que não fique preso apenas à tecnologia. Assim, os objetivos da pesquisa precisam estar bem relacionados com as unidades, e, neste trabalho, foi averiguado como o gênero circula e suas condições de produção e elaboração. Por isso que, mesmo partindo de um gênero, mas analisando aspectos que parecem mais associados a um percurso, pôde-se identificar, com maior clareza, estratégias e situações de mudança. Pesquisas futuras também poderão considerar o conceito de aforização em Maingueneau (2010), que trata de enunciados relativamente autônomos e com certa independência dos seus textos, identificáveis ou não em gêneros.

No início deste artigo, disse que o objetivo da pesquisa era identificar como dispositivos de comunicação associados a um certo discurso mudam no âmbito da internet, especialmente em redes sociais e mais especificamente no Facebook. A noção de contexto interacional e a maneira como um discurso remete a outro em suas relações textuais e interdiscursivas serviu como parâmetro para detalhar o percurso das transformações em um período relativamente curto se compararmos com outros exemplos aos quais os sujeitos estão submetidos, aproximando-se ou refutando-se o que é dito exteriormente e anteriormente à situação de produção. As funcionalidades e o nível tecnológico do Facebook restringiu e possibilitou outros modos de interação para os usuários engajados. Em outras palavras, aquilo que permitiu ser dito, reconhecível como mensagem de protesto, estava relacionado ao que na discursivização era de alguma forma dissimulado no uso de textos e da interface, mas remetendo a um outro momento de desenvolvimento tecnológico. O trabalho teve resultados para um contexto interacional definido em um evento linguístico reconhecível, servindo a um certo discurso. Supõe-se que analisar discursos que circulam na internet tem como um primeiro passo saber o local no qual desenrolam-se as cenas de enunciação. Uma coisa seria analisar tipos de site onde há comentários livres, blogs temáticos, comentários e postagens esparsas mesmo que em um perfil definido ou na *timeline* de alguém. Outra coisa seria tentar compreender como os gêneros atravessam esses locais e se mantêm ou mudam internamente ou externamente. Portanto, as relações da cenografia com a cena genérica dependeriam de um desses pontos de vista tomado como base pelo investigador.

Finalmente, vale a pena salientar que muitos dos discursos transformados interiormente à rede sempre estão relacionados com discursos anteriores e exteriores, mas parecem circular e se transformar

na velocidade das mudanças tecnológicas, bem como surgir repentinamente sem uma aparente remissão ao passado, mas com cada vez mais contiguidade com o mundo físico. Isso pode ser verificado quando a mídia e as pessoas, seja no linguajar cotidiano ou mesmo nos movimentos das ruas começam a reproduzir o que foi popularizado nas redes sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, B. G. *Leitura e Escrita na Interação Virtual*. Garanhuns: EDUPE, 2011.

JONES, R. H. *The problem of context in computer mediated communication*. Georgetown Roundtable on Language and Linguistics, 2002. Disponível em: <http://personal.cityu.edu.hk/~enrodney/Research/ContextCMC.doc>. Acesso em: 10/11/2012.

_____, R. H. *Cybernetics, Discourse Analysis and the entextualization of the human* (2005). Disponível em http://www.academia.edu/3453079/Cybernetics_Discourse_Analysis_and_the_Entextualization_of_the_Human. Acesso em: 29/10/2013.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____, D. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____, D. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2010.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: Karwoski, A. M. et al. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

_____, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MELO, L. B. Avaliação de Interfaces em Redes Sociais para investigação do contexto interacional. In: *V Conferência Latino-Americana da Interação Humano-computador*, 2011, Porto de Galinhas. *V Conferência Latino-Americana da Interação Humano-computador*, 2011a.

_____, L. B. Curtir: aspectos contextuais de um link como metáfora em uso. In: *4o. Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação*, 2012,

Melo, Lafayette Batista. Como gêneros mudam no *facebook*: circulação de uma mensagem de protesto. *Revista Intercâmbio*, v. XXIX: 65-82, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x

Recife. Anais do 4o. Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, 2012.

_____, L. B. Interação humano-computador e seus (des)encontros com o texto e o discurso: buscando o contexto. In: *IX Congresso Latino-Americano de Estudos do Discurso*, 2011, Belo Horizonte. Anais do IX Congresso Latino-americano de estudos do discurso ALED 2011, 2011b.

MUSSALIM, F. A propósito das unidades não-tópicas em análise do discurso. In: Possenti, S. & Baronas, R. L. (Orgs.) *Contribuições de Dominique Maingueneau para a análise do discurso no Brasil*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2008.

POSSENTI, S. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola, 2009.

PÊCHEUX, M. *Análise de discurso*. Campinas: Pontes, 2012

PREECE, J.; ROGERS, Y.; SHARP, H. *Interaction design: beyond human-computer interaction*. EUA: Willey, 2011.